

Representação nordestina nas cadeiras n.ºs 10 e 12

Por Letícia Martins

Nesta edição de *Femina*, apresentamos os médicos Dr. Olímpio Barbosa de Moraes Filho e Dr. Antônio Carlos Vieira Lopes, naturais do Nordeste e titulares da Academia Nacional dos Ginecologistas e Obstetras (Anago).

UMA VOZ EM DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES

“Eu me senti muito orgulhoso e surpreso pela indicação, visto que existem tantas pessoas maravilhosas e profissionais na área da ginecologia e obstetrícia aptas a fazer parte da Anago. Espero que a Academia seja realmente uma referência de segurança, respaldo e orientação para todos, incluindo os mais jovens e futuros tocoginecologistas.” Essa foi a reação do Dr. Olímpio Barbosa de Moraes Filho, ao ser convidado para ocupar a cadeira nº 10 da Anago, que tem como patrono seu ex-professor, o Dr. José Weydson Carvalho de Barros Leal, que foi presidente da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) no período de 1982 a 1985.

O Dr. Olímpio nasceu em Recife, em 1961, e é filho de um médico generalista, a quem deve a escolha da profissão médica. Mas a escolha da especialidade da tocoginecologia aconteceu ainda no começo do curso de Medicina, quando participou da assistência de um caso de morte materna por hemorragia pós-parto de uma multipara sem acesso a métodos contraceptivos.

A influência da história de vida de suas avós e de sua própria mãe reforçou ainda mais a decisão de que deveria fazer tocoginecologia. Tendo essas mulheres fortes como referência, o então estudante e depois médico Olímpio percebia as injustiças cometidas contra as mulheres no nosso País. Havia a dificuldade de acesso aos direitos reprodutivos e o pensamento vigente era de que a culpa de engravidar ou até mesmo de morrer por complicação da gravidez era sempre da mulher, pois todas de causas evitáveis, principalmente por meio de abortos clandestinos. E foi esse assunto que ele estudou em seu mestrado, em 1994, sob a orientação da professora Ellen Hardy, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma pesquisadora feminista e à frente do seu tempo. Além da professora Ellen, ele cita outros professores que também foram importantes na sua formação como, por exemplo, Cícero Fernandes Costa e Anibal Faundes, este último com quem passou a ter mais contato quando fez seu doutorado sobre misoprostol, também na Unicamp, tendo como orientador o professor Guilherme Cecatti, seu grande amigo e exemplo de pesquisador.

“Defender os direitos das mulheres pobres à saúde sempre foi difícil, mas é muito mais difícil quando se trata dos seus direitos sexuais e reprodutivos. Não basta esses

direitos estarem respaldados nas melhores evidências científicas, porque existem barreiras de cunho cultural, ideológico, religioso, entre outros”, expõe o médico.

Ele ressalta que a situação precisa mudar: “É inadmissível que as mulheres tenham dificuldade em ter acesso à saúde, negado por questões ideológicas negacionistas e misóginas”. Fazendo um paralelo à fala do ex-presidente da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO), o professor Mahmoud Fathalla afirma: “as pessoas que engravidam não morrem porque não sabemos como salvar as suas vidas, elas morrem porque não tomamos a decisão política de que salvar as suas vidas importa”.

Orgulhosamente, o médico fez parte do primeiro centro de referência do Nordeste (e o terceiro do Brasil), focado em atender mulheres vítimas de violência, no início da década de 1990.

“Espero que a Anago seja realmente uma referência de segurança, respaldo e orientação para todos, incluindo para os mais jovens e para os futuros médicos”,

declarou o Dr. Olímpio Barbosa de Moraes Filho, acadêmico da cadeira nº 10.



De lá para cá, sua defesa pelos direitos reprodutivos e contraceptivos não parou, assunto que ele gosta de defender nos diversos cargos que já ocupou, como o de presidente da Comissão Nacional Especializada (CNE) de Abortamento, Parto e Puerpério da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), onde também foi vice-presidente da região Nordeste, de coordenador da Saúde da Mulher da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, de membro do Comitê de Morte Materna do Estado de Pernambuco, de presidente da Associação dos Ginecologistas e Obstetras de Pernambuco (Sogope) e de conselheiro do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (Cremepe), entre 2008 e 2023.

Atualmente é coordenador dos módulos de Atenção Global ao Doente II e Doenças do Trato Genital Inferior do curso da Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco (UPE) e diretor médico do Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (Cisam)-UPE.

De todas essas facetas, aquela de que o Dr. Olímpio diz ter mais orgulho é a de ser professor e do seu poder transformador na graduação e na residência médica. “Devemos ensinar os nossos alunos a ouvirem as mulheres, entenderem o motivo de elas estarem em tal situação e respeitarem suas decisões. Muitas vezes, elas não falam a verdade por medo do julgamento do médico, mas como pode existir medicina sem confidencialidade? Temos que lembrar que nós somos médicos, e não juízes. Precisamos ouvir, ter empatia e passar confiança. Precisamos ensinar os alunos a serem médicos”, conclui o titular da cadeira nº 10 da Anago.

VOCAÇÃO: AMAR O PRÓXIMO

Aos 86 anos, o Dr. Antônio Carlos Vieira Lopes nem pensa duas vezes para responder quando questionado sobre a inspiração de sua vocação: o avô materno. Soteropolitano, nascido em 1938 de pais muito jovens, passou boa parte da infância na companhia do avô enquanto os pais trabalhavam. O avô, português da região do Minho, tinha uma oficina mecânica, era espírita e gostava de ajudar os outros. “Aos sábados, ele recolhia o dinheiro que havia recebido durante a semana, pagava os operários, retirava o suficiente para as despesas de casa e o restante ele dividia com os necessitados. Na porta da oficina, fazia fila de pessoas que não tinham dinheiro nem para comprar algo para comer. Foi esse tipo de homem que me inspirou. Meu avô era rico em amor ao próximo”, relembra o Dr. Antônio Carlos.

Inspirado pelo avô, que considerava como pai, a versão criança do Dr. Antônio Carlos decidiu que, quando crescesse, queria ajudar as pessoas. “Eu não podia desejar ser mecânico como ele, pois não tinha aptidão. Outra forma de amar as pessoas era me tornar médico. Meu avô era espírita e sempre disse que eu queria ser como o São Lucas e como ele: ‘ser médico de gente e de almas.’”

Assim, em 1965, Dr. Antônio Carlos se formou em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seguiu para a Residência e depois fez o *fellowship* no *New York Hospital*, da *Cornell University Medical College*, nos Estados Unidos, onde permaneceu por dois anos. E foi no *New York Hospital* que começou a ganhar notoriedade, ao ser o primeiro médico a fazer uma punção de couro cabeludo fetal para poder colher sangue e estudar o equilíbrio

“Se fui honrado pelos meus pares com essa distinção é porque, de certa forma, também tenho colaborado para o renome da nossa especialidade”,

disse o Dr. Antônio Carlos Vieira Lopes, acadêmico da cadeira nº 12.



ácido básico do feto, técnica introduzida pelo Dr. Zaling, na Alemanha. Nesse mesmo período, trabalhou com o casal Fritz e Anna Rita Fucs, em inibição do trabalho de parto prematuro, e com o Dr. John T. Queenan, no tratamento da doença hemolítica perinatal.

Aqui no Brasil, também trilhou um longo e merecido caminho. O Dr. Antônio Carlos é hoje professor associado II aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia e professor emérito da UFBA, ex-presidente da Associação de Obstetrícia e Ginecologia da Bahia (Sogiba), ex-presidente da Associação Bahiana de Medicina, membro titular e ex-presidente da Academia de Medicina da Bahia. Querido pelos alunos, ele também ganhou o título de Professor Eterno da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA.

Considerado um dos precursores da Medicina Fetal no Brasil, o profissional, que se aprofundou no estudo da doença hemolítica perinatal e no diagnóstico invasivo de anomalias fetais associadas com erros genéticos, também foi surpreendido ao ser reconhecido e nomeado para a cadeira nº 12 da Anago, que tem como patrono o Dr. José de Souza Costa, presidente da Febrasgo entre 1990 e 1993. “Com tantas figuras ilustres, profissionais que muito contribuíram para a ginecologia, a obstetrícia e a medicina nacional, fiquei surpreso ao ser escolhido para este grupo seleto. Mas, se fui honrado pelos meus pares com essa distinção, é porque, de certa forma, também tenho colaborado para o renome da nossa especialidade”, declara.

Com uma extensa e brilhante trajetória dedicada à medicina e à formação universitária, e exercendo seu papel de titular da Anago, o Dr. Antônio Carlos deixa uma mensagem para os membros das sociedades médicas e os jovens ginecologistas e obstetras: “As sociedades médicas precisam estar atentas com a demanda explosiva de cursos de medicina. Precisamos formar médicos competentes com elevado respeito à profissão, providos de valores éticos, como exigido pela sociedade brasileira. A mercantilização da medicina nacional está aí a toda prova. É necessário que os egressos leiam um pouco sobre os médicos que os antecederam para tomar como exemplo a boa prática de uma medicina séria, ética e com respeito ao paciente. Acredito que nós, que ainda estamos aqui, temos muito trabalho para tentar conduzi-los a esse caminho”, finaliza.

